

Flexibilidade e Autonomia?

sem tempo..., sem confiança..., restam os exames...

Temos, em debate público (que estará terminado quando este ponto de vista for publicado), uma proposta de despacho que anuncia a vontade de mudar a escola no sentido do encontro com as competências do séc. XXI, definidas no perfil do aluno à saída do secundário. Um dos aspetos “valorizados” para atingir estas competências é o trabalho de Projeto.

Se olharmos um pouco para trás, se folhearmos as revistas Educação e Matemática (EM), encontramos tantos projetos e experiências apresentados em ProfMats e encontros, vividos por alunos e professores, desenvolvidos em tantas escolas. Recordo aqui, apenas alguns documentos/ações/projetos marcantes:

- **O Seminário de Milfontes, 1988, e o documento “Renovação do Currículo de Matemática”**, um documento importante e fundamental no debate sobre as mudanças que se desejavam para os programas, para as práticas,... ainda hoje tão atuais;
- **O Projeto Mat789**, desenvolvido pelo Paulo Abrantes, Eduardo Veloso, Leonor Cunha Leal, Margarida Oliveira e Paula Teixeira (1990), pela sua importância na valorização do trabalho de projeto e pelo papel influenciador que teve a sua divulgação.

Mas eu sou professora numa escola secundária, que não estando na experiência piloto da flexibilidade, tem refletido sobre ela e que também tem desenvolvido e continua a desenvolver muitos projetos em diversas áreas, mais disciplinares ou mais interdisciplinares, alguns continuados no tempo outros que vão surgindo em cada momento, por iniciativas diversas...

A título de exemplo deixo: O Laboratório de História, um projeto já com história, que conta com a colaboração do IHC da Universidade Nova e onde a História tem sido descoberta, investigada e divulgada pelos alunos envolvidos; O Ler para Viver um projeto também continuado, na área da Literatura; O Camusicando, também regular e que conta com o saber artístico/musical da comunidade escolar; A Filosofia Plural - um projeto de integração de alunos que não falam Português ou as assembleias de turma - uma forma encontrada para que os alunos, eles próprios, participem, critiquem, sugiram, uma forma de dar voz aos alunos - e muitos outros, mais pontualmente também em Matemática.

Poderia estar a concluir que a minha escola já faz tanta coisa (como aliás tantas outras escolas), que vamos na direção da flexibilidade e autonomia, mas Não! Na realidade estamos muito longe da escola que desejamos. A opinião generalizada na minha escola é bastante crítica em relação a diversos aspetos

relacionados com o Projeto de Flexibilidade e Autonomia, tal como está a ser pensado e anunciado. Há um conjunto de questões que tem que ter respostas claras, sem as quais não haverá nem autonomia, nem flexibilidade, nem escola pública valorizada... nem uma escola para todos, que prepare cidadãos críticos, livres, responsáveis, preparados para os desafios do século XXI. É preciso construir um caminho, com coerência... Refiro-me, sobretudo, a alguns aspetos:

1. Programas e Metas (especialmente de Matemática)

Não há aprendizagens essenciais que resistam aos atuais programas e metas. Porque não iniciámos mais cedo um processo para a elaboração de novos programas que darão origem a novas aprendizagens essenciais? ou porque não suspendemos os atuais programas de Matemática, quando tantos o defenderam?

Tal como Eduardo Veloso e o Paulo Abrantes tantas vezes referiram, e que é incluído no Currículo Nacional de 2001: **“A razão primordial para se proporcionar uma educação matemática prolongada a todas as crianças e jovens é de natureza cultural, associada ao facto de a matemática constituir uma significativa herança cultural da humanidade e um modo de aceder ao conhecimento”** (p. 58). Mas, em vez disto, a Matemática é cada vez mais uma disciplina elitista e seletiva..., desde os primeiros anos, por isso temos que perguntar: **Vamos ou não alterar os programas de Matemática?**

2. O Tempo e a Confiança nos Professores e nas escolas?

Não basta dizer que “o papel dos professores é importante”, que tem que responder às mudanças, utilizar estratégias promotoras de melhores aprendizagens, ter em conta a diversidade e heterogeneidade dos alunos, valorizar projetos, etc... mas para isso nada se lhes dá, a não ser os princípios vindos de cima, as lições teóricas sem aplicabilidade, ...

É preciso TEMPO, para inovar, para mudar, para criar, para se envolver nos projetos, para colaborar, para alterar a sala de aula e a escola, para ir a um ProfMat... ONDE ESTÁ ESSE TEMPO?

Onde está a confiança nos professores? Quando tudo é decidido, de cima para baixo, sem os ouvir...

Vou mesmo mais longe, **onde estão os professores? E, em especial, os professores de Matemática?** Pois todos sabemos que tantos abandonaram o ensino mais cedo sem passarem o seu testemunho porque deixaram de acreditar..., tantos estão exaustos, tantos já “deram aulas” em tantas escolas, em tantos

lugares, durante tanto tempo e Não são PROFESSORES!!!!

Onde estão os PROFESSORES NOVOS? Não existem!!! Estão nos centros de explicações!? Dedicaram-se a outras coisas?! Por vontade própria? Acredito que em muitos casos Não!

SÃO PRECISOS PROFESSORES. Recordo que hoje já há falta real de professores de Matemática, Inglês, Informática...

Que flexibilidade e Autonomia existe, quando tudo é decidido e autorizado hierarquicamente, numa lógica que continua com a Gestão (não democrática) das escolas? Quando tudo tem que ser autorizado: turmas com menos um aluno que o previsto, a criação de um curso novo, o desdobramento de uma turma, a constituição de um grupo particular, tutorias ou coadjuvâncias... e tudo tem que ser feito sem aumentar o número de professores.

3. Avaliação Externa e Acesso ao Ensino Superior

Não é possível conciliar uma educação obrigatória, para todos, em situação de justiça e igualdade, mantendo um acesso ao ensino superior, elitista e direi mesmo, não honesto...

Não há autonomia e Flexibilidade sem alteração dos exames e do acesso ao ensino superior. É fundamental desligar o fim do secundário dos exames nacionais e do acesso ao ensino superior. É urgente discutir seriamente este assunto.

Os alunos do Ensino Profissional (quase 50%) não estão em igualdade de circunstâncias no acesso e continuarão a não ficar (com o diploma em debate público) quando se lhes aumenta a componente de formação em contexto de trabalho e se lhes pede que, para terem acesso ao ensino superior, façam exames sobre matérias que nunca trabalharam.

Aconselham-se os professores a avaliarem de forma diferente, acusam-nos de valorizarem muito os testes, mas olhemos para as centenas (SIM CENTENAS!!!) de páginas de regulamentos, normas, circulares, relativas a exames e provas de aferição (publicadas na página do JNE e IAVE), a falarem sobre as ditas provas, a dizerem se o aluno se sente aqui ou ali, se veste um colete ou..., se o professor é da escola ou de outra escola, se as mesas são assim ou..., e, como se confia muito nos professores, por exemplo os júris das línguas, a partir deste ano, têm que ser constituídos por professores de outra escola.

Não estou só a falar no secundário, estou a falar também nas provas de aferição do básico, de alunos com 7 anos?! Que sentido fazem estas inovações? A nossa sorte é mesmo nem sequer termos tempo de ler todos estes regulamentos!

E volto a citar o Paulo Abrantes: **“Temos que saber para onde queremos caminhar. Se a nossa grande meta é o exame, então pensemos nas consequências. O exame torna-se o objetivo, o que vem para exame o programa, o ensino da matéria para exame o método - como escreveu Freudenthal há mais de 20 anos”** (1996, p. 1).

Relativamente ao ensino da Matemática, escrevi também em 2004, num momento de retrocesso... **“Foram-se os**

desdobramentos e a tecnologia... e ficaram os exames” (Precatado, 2004, p. 44), referia-me ao retrocesso vivido na altura relativamente à criação de Laboratórios de Matemática nas escolas, à possibilidade de desdobramento de aulas, à utilização de tecnologia nomeadamente computadores, ao uso de programas de geometria dinâmica, etc. A verdade é que hoje estamos ainda mais longe – temos exames com dois cadernos, um com calculadora e outro sem, com a única justificação apresentada publicamente nas reuniões de avaliação e exames – a calculadora é um acumulador de informação, enviesa o processo, mas nas aulas deve estar...

Em suma, sem alterações nos programas de Matemática, sem tempo, sem confiança nas escolas e professores, sem gestão democrática nas escolas e sem avaliar se os agrupamentos de escolas valeram ou não a pena, sem alterações no acesso ao Ensino Superior e também nos exames e provas de aferição não há nem Flexibilidade nem Autonomia... por mais interessantes que sejam os exemplos de projetos que vão sendo desenvolvidos na minha ou em tantas outras escolas, eles não passarão disso mesmo, exemplos!

Apesar de tudo e de haver escolas e professores a fazerem o impossível, na minha perspetiva, a escola pública está a degradar-se, os professores a desanimarem... e até a desaparecerem...

Alguns dirão, não é possível fazer tudo ao mesmo tempo! É verdade...

Mas com este projeto de “Autonomia e Flexibilidade de 0% a 25%” não vamos longe!

Bento de Jesus Caraça sonhava, quando, em 1944, referia, no texto *A Matemática na Vida dos Homens*, que “... a orgulhosa rainha das ciências, até aqui rainha distante, encerrada num Mont-Salvat mal abordável, tende a tornar-se uma companheira democratizada e querida de todos nós” (p. 295). A verdade é que estamos em 2018, demos passos em frente mas também muitos atrás e estamos muito longe desta Matemática vista como “companheira democratizada e querida de todos nós”.

E então o que vamos fazer?

Resta fazermo-nos ouvir e, no que à Matemática diz respeito, é preciso exigir que novos programas sejam construídos e que sejam criadas as condições para a sua aplicação.

Referências

- Abrantes, P. (1996). Os “bons velhos tempos” são velhos mas não eram bons. *Educação e Matemática*, 39, 1.
- Caraças, B. J. (1978). *Conferências e outros escritos*. Editora: J M C Editor.
- Precatado, A. (2004). Foram-se os desdobramentos e a tecnologia e ... ficaram os exames?!. *Educação e Matemática* 80, 44-45.

ADELINA PRECATADO

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES, LISBOA